

MULHERES EM MOVIMENTO

Narrativas de si em construção de nós

Autora: Maria Liliane Rosado Rodrigues

Orientadora: Iara Maria de Araújo

Coorientadora: Antônia Eudivânia de Oliveira Silva



UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO

MULHERES EM MOVIMENTO

Narrativas de si em construção de nós



***A educação, qualquer que seja
ela, é sempre uma teoria do
conhecimento posta em prática.***

PAULO FREIRE



Fonte: Wikipédia / Obra de Luís Carlos Capellano

Rodrigues, Maria Liliane Rosado

R696em Mulheres em Movimento Narrativas de si em construção de nós / MariaLiliane Rosado Rodrigues. Crato-CE, 2023.

43p. il.

Cartilha. Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional doCariri - URCA.

Orientador(a): Prof.^a Dr.^a Iara Maria de Araújo

Coorientador(a): Prof.^a Dr.^a Antônia Eudivânia de Oliveira Silva

1.Mulheres, 2.Educação Popular, 3.Feminismos, 4.Comunidades Rurais,5.Narrativas de si; I.Título.



SUMÁRIO

1 APRESENTAÇÃO.....	5
2 OS DESAFIOS PARA A IGUALDADE DE GENERO NA AMÉRICA LATINA.....	7
3 UM BREVE HISTÓRICO DO FEMINISMO.....	13
4 O QUE É O FEMINISMO POPULAR.....	18
5 A EXPERIÊNCIA EM PERSPECTIVA.....	21
6 O QUE SÃO OS CÍRCULOS REFLEXIVOS BIOGRÁFICOS.....	25
7 UMA PROPOSTA PARA A REALIZAÇÃO DOS CÍRCULOS REFLEXIVOS BIOGRÁFICOS.....	32
8 REFERÊNCIAS.....	42



1 APRESENTAÇÃO

Apresentamos aqui a cartilha educativa **“Narrativas de si em construção de nós”**, produto educacional, fruto da pesquisa intitulada **“Pedagogia Popular Feminista: uma proposta pedagógica no Cariri Cearense”** vinculada ao Programa de Mestrado Profissional em Educação da Universidade Regional do Cariri. É um material de cunho pedagógico, direcionado a educadoras e educadores populares, com linguagem clara e objetiva, para ser utilizado com coletivos de mulheres, tendo como principal objetivo apresentar uma discussão sobre o feminismo popular e um roteiro metodológico com foco em histórias de vida e o uso dos **Círculos Reflexivos Biográficos**.

Esta produção utiliza-se de bases teórico-metodológicas que constituem os **Feminismos Populares**, forjado na América Latina, a partir do diálogo entre as epistemologias feministas e a Educação Popular, constituindo-se em uma práxis político pedagógica, que envolve a imersão no cotidiano das mulheres das camadas populares. Educadoras populares e pesquisadoras feministas, apropriam-se da **“Pedagogia do Oprimido”** de Paulo Freire, na perspectiva de uma **“Pedagogia das Oprimidas”**, trazendo para o debate a discussão sobre libertação e



emancipação junto às mulheres que estão em lugares subalternizados.

Desta maneira, a Educação Popular pautada no método dialógico freiriano, torna-se um espaço propulsor para o alcance das narrativas das mulheres das camadas populares, por meio de práticas pedagógicas não formais, valorizando os saberes constituídos a partir das experiências do cotidiano. É um caminho de possibilidades para o alcance de uma consciência crítica/reflexiva, a partir da desnaturalização de suas histórias, tornando-as sujeitos políticos, na medida que buscam o "que fazer" para a reafirmação de suas identidades, na luta para o alcance de uma emancipação coletiva.

Assim, como ferramenta pedagógica, este material propõe engajar as mulheres de classes populares nas produções de suas identidades, através de uma sequência de dinâmicas de grupo, estruturadas a partir da formação de Círculos Reflexivos Biográficos que as auxiliarão a olharem para si, sendo estimuladas, a partir de suas histórias de vida, a desvendar como performatizam seu gênero no território onde vivem e quais os lugares que elas ocupam no jogo das relações sociais.

Com objetivos pedagógicos e formativos, as dinâmicas, são atividades de cunho crítico-reflexivos, que fornecem elementos para que as participantes explorem suas experiências cotidianas, momento que poderão ser desvelados seus processos de lutas e resistências, engendrando a produção de consciência de classe,



gênero e raça. Nesta perspectiva o material propõe problematizar as experiências vividas por mulheres, consubstanciadas com os processos sócio-históricos que tecem a teia das relações de gênero numa relação dialógica com os espaços/tempo em que seus corpos estão inseridos.

A cartilha está organizada a partir de eixos temáticos, os quais oferecem subsídios para problematização dos processos históricos/sociais em que as mulheres latinas estão inseridas. Assim, os eixos apresentam-se na seguinte sequência: *"Os Desafios para a Igualdade de Gênero na América Latina"*, *"Um Breve Histórico sobre o Feminismo"*, *"O que é Feminismo Popular"*, *"A Experiência em Perspectiva"*, *"O que são os Círculos Reflexivos Biográficos"*. Concluímos a cartilha com *"Uma Proposta para a Realização dos Círculos Reflexivos Biográficos"*, constituindo-se em uma sequência de sugestão de atividades para a vivência em um CRB.

2 OS DESAFIOS PARA A IGUALDADE DE GÊNERO NA AMÉRICA LATINA

Em uma perspectiva histórica, o grupo composto por mulheres latinas, constituído por mulheres negras, indígenas e mestiças, conformam um dos grupos de minorias excluídas. São grupos marcados por uma genealogia de exploração e dominação do poder colonial. São marcas que acompanham uma geração de



mulheres, que ao mesmo tempo que estão sob a vulnerabilidade desta dominação, constituem, também, suas lutas e artimanhas para a resistência e afirmação de suas identidades.



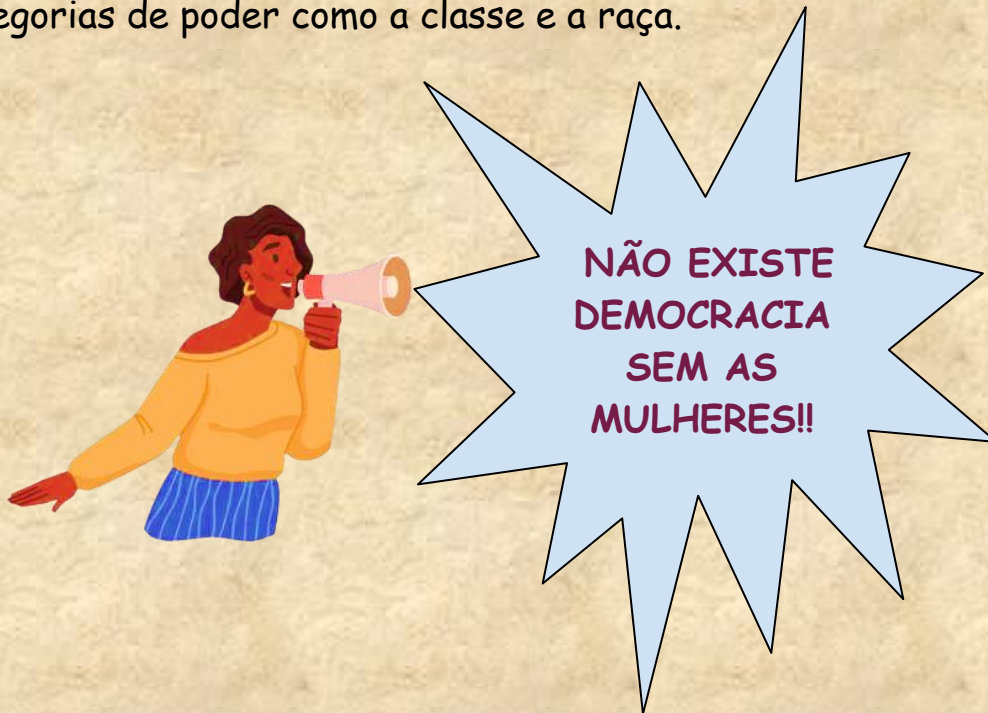
Fonte: Capiremov.org

A história dessas mulheres, analisadas a partir do lócus do gênero, oferece suporte teórico/metodológico para possíveis compreensões das dimensões relacionais desses corpos que performatizam o gênero feminino, considerando que segundo Joan Scott (1989), o gênero é constituído de práticas discursivas e simbólicas que produzem os corpos sexuais, mediante normas e sistemas dicotômicos de poder; "o gênero é, portanto, um meio de codificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana" (p.23).

Assim, pensando na busca por compreensão histórica e política sobre a produção dos corpos das mulheres latinas, enquanto sujeitas subalternizadas, a categoria do gênero, seria assim, um método analítico sobre as relações de poder que



produzem suas subjetividades, numa relação dialética com outras categorias de poder como a classe e a raça.



A luta por uma sociedade democrática é marco histórico nos países da América Latina, guerras e conflitos se ergueram no passado, e se erguem no tempo presente, mostrando a resistência de um povo que luta por uma sociedade igualitária, centrada na justiça social.

Segundo as historiadoras, Julia Graciela da Silva Oliveira e Valéria Silva Pita (2021), na América Latina, o período marcado por golpes militares que resultaram em regimes autoritários na Argentina, Bolívia, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, houve um engajamento das mulheres latinas de diferentes formas de resistência, foi nesse processo que descobriram-se feministas. A luta pela redemocratização foi algo comum entre as latino-americanas. Seguiram na luta agregando pautas que objetivavam a



autonomia das mulheres como, *Maternidade, Divisão Sexual do Trabalho, Direitos Reprodutivos e Participação Política*.

De acordo com a cientista política, Flavia Birole (2018), na América Latina, a constituição da democracia fragilizada conforma-se com o autoritarismo das elites locais e das heranças pós- coloniais, centradas nas desigualdades, constituindo-se em um terreno fértil para o neoconservadorismo e a tentativa de exclusão das pautas políticas, que pontuam as questões de gênero como um dos eixos fundamentais para uma sociedade verdadeiramente democrática.

Este território, historicamente, já traz as marcas da exploração e dominação, que se iniciou no séc. XVI, reflete nas subjetividades dos sujeitos colonizados e na materialização da exclusão desses corpos na dimensão da cidadania e alcance de direitos. Imaginemos a situação diante do contexto de pandemia da COVID 19, que se iniciou em 2020, acompanhada de uma forte crise econômica que atingiu as camadas mais vulneráveis da sociedade, com o desemprego, aumento do preço da cesta básica, a precariedade dos serviços básicos de saúde, e tantas outras questões que causaram de forma direta ou indireta um retrocesso no avanço do caminhar para a igualdade nas relações de gênero.

As mulheres, deste contexto, que estão em situações de vulnerabilidade, como as mulheres negras, indígenas, mestiças, que formam a grande maioria da população e ocupam setores informais de trabalho, chefes de família, mães solo, foram as que sentiram,



profundamente, os impactos gerados pela pandemia. Segundo a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe, a crise sanitária, causada pela pandemia da COVID 19, permanece vigente, e a América Latina e o Caribe conformam a região mais vulnerável do mundo, assim a taxa de extrema pobreza neste território teria aumentado de 13,1% em 2020 para 13,8% em 2021, um retrocesso de 27 anos. Ainda neste levantamento, a CEPAL indica que em 2020 aumentou a proporção de mulheres que não recebem renda própria, se mantiveram as lacunas de pobreza na zona rural, povos indígenas e crianças, constatando um aumento na desigualdade (CEPAL, 2021).



Fonte: GETTY IMAGENS 2020



*"A PERSISTÊNCIA DAS DESIGUALDADES SOCIAIS
ESTA DIRETAMENTE RELACIONADA COM O
ENRAIZAMENTO, HÁ CENTENAS DE ANOS, DE UMA
CULTURA PATRIARCAL E COM POLÍTICAS POUCO
EFETIVAS PARA VISIBILIZÁ-LAS E SOLUCIONÁ-LAS"*

MARILYS ZAYAS



Para saber mais:

<https://capiremov.org/analises/a-feminizacao-da-pobreza-uma-pandemia-que-percorre-o-continente-americano/>

Diante desses dados, fica explícito a dimensão das desigualdades que afligem o território latino e caribenho, são desigualdades de raízes profundas, os altos índices de mulheres em situação de pobreza extrema, anunciam e denunciam a precariedade existente na implementação de políticas públicas para os avanços nas conquistas de direitos.

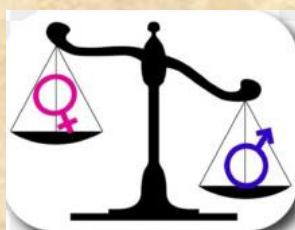
Na constituição democrática da sociedade, é preciso que as mulheres avancem em suas condições de sujeitas de direitos. Para que este avanço aconteça é preciso que as questões que dimensionam seus corpos sejam problematizadas, como a divisão sexual do trabalho, a reprodução, a sexualidade, o acesso à



educação, a participação política nos espaços formais de poder, a maternidade compulsória, a valorização do seu trabalho e igualdade salarial. São questões que precisam ser politizadas e reivindicadas como condições históricas passíveis de mudança e para a concretização de uma outra sociedade, verdadeiramente democrática e justa.



Para saber mais:



FATOS E DADOS 2020
DEMOCRACIA E
GÊNERO NA AMÉRICA
LATINA

3 UM BREVE HISTÓRICO DO FEMINISMO

Sob um viés histórico, a construção do termo “Feminismo”, primeiramente tenha circulado no eixo EUA-EUROPA por volta do séc. XIX, onde atribui-se ao sociólogo francês, Charles Fourier, a



apresentação do termo "féminisme", ao defender sua teoria de que o grau de emancipação feminina é a medida natural da emancipação geral, ainda, segundo a antropóloga, Carla Cristina Garcia (2015), em seu livro *uma Breve História do Feminismo*, diz que o termo é usado pela primeira vez em 1911 nos Estados Unidos, onde escritores, homens e mulheres, começaram a utilizá-lo para substituir as expressões do séc. XIX, como problemas das mulheres e movimento de mulheres, no intuito de representar as lutas das mulheres por direitos e liberdades.

Configura-se ao longo do tempo como um movimento imerso em três dimensões, filosofia política, teoria do conhecimento e movimento social.



As sufragistas séc. XIX
Fonte: coletivojuntas.com.br

Porém, antes de alguém produzir teorias sobre o que circunda a sujeição e objetificação das mulheres, antes da invenção da palavra feminismo, muitas mulheres em seus contextos de experiências culturais de gênero, já travavam lutas contra as opressões que lhes eram impostas, por terem seus



corpos marcados pelo preconceito e serem postas como sujeitas invisíveis no seio social.

O feminismo pode ser definido como a tomada de consciência das mulheres como coletivo humano, da opressão, dominação e exploração de que foram e são objetos por parte do coletivo de homens no seio do patriarcado sob suas diferentes fases históricas, que as move em busca de liberdade de seu sexo e de todas as transformações da sociedade que sejam necessárias para este fim (GARCIA, 2015, p. 62).



É importante ressaltar, que a ideia de sujeição das mulheres é um fator histórico/social vinculado a contextos culturais diversificados. A teoria feminista dentro de um aspecto global desenvolveu quatro conceitos chave, Androcentrismo, Patriarcado, Sexismo e Gênero, que servem como categorias de análises para compreender os mecanismos de exclusão das sociedades atuais (GARCIA, 2015);

ANDROCENTRISMO



considera o homem como medida de todas as coisas;

PATRIARCADO



sistema político, econômico, religioso baseado na autoridade do homem;

GÊNERO



é uma das categorias que defende que a ideia de feminino e masculino são construções culturais e não naturais ou biológicas.



SEXISMO



baseia-se na exploração e dominação do sexo feminino pelo masculino;

Em cada tempo histórico do movimento feminista estes conceitos vão dando sentido e significado as questões das mulheres e dando base às lutas por direitos. O movimento feminista, numa perspectiva histórica é composto por avanços e recuos, em vários momentos mulheres arregaçaram as mangas e numa formação coletiva movimentaram as estruturas sociais, em outros momentos precisaram recuar para voltar a se organizar,



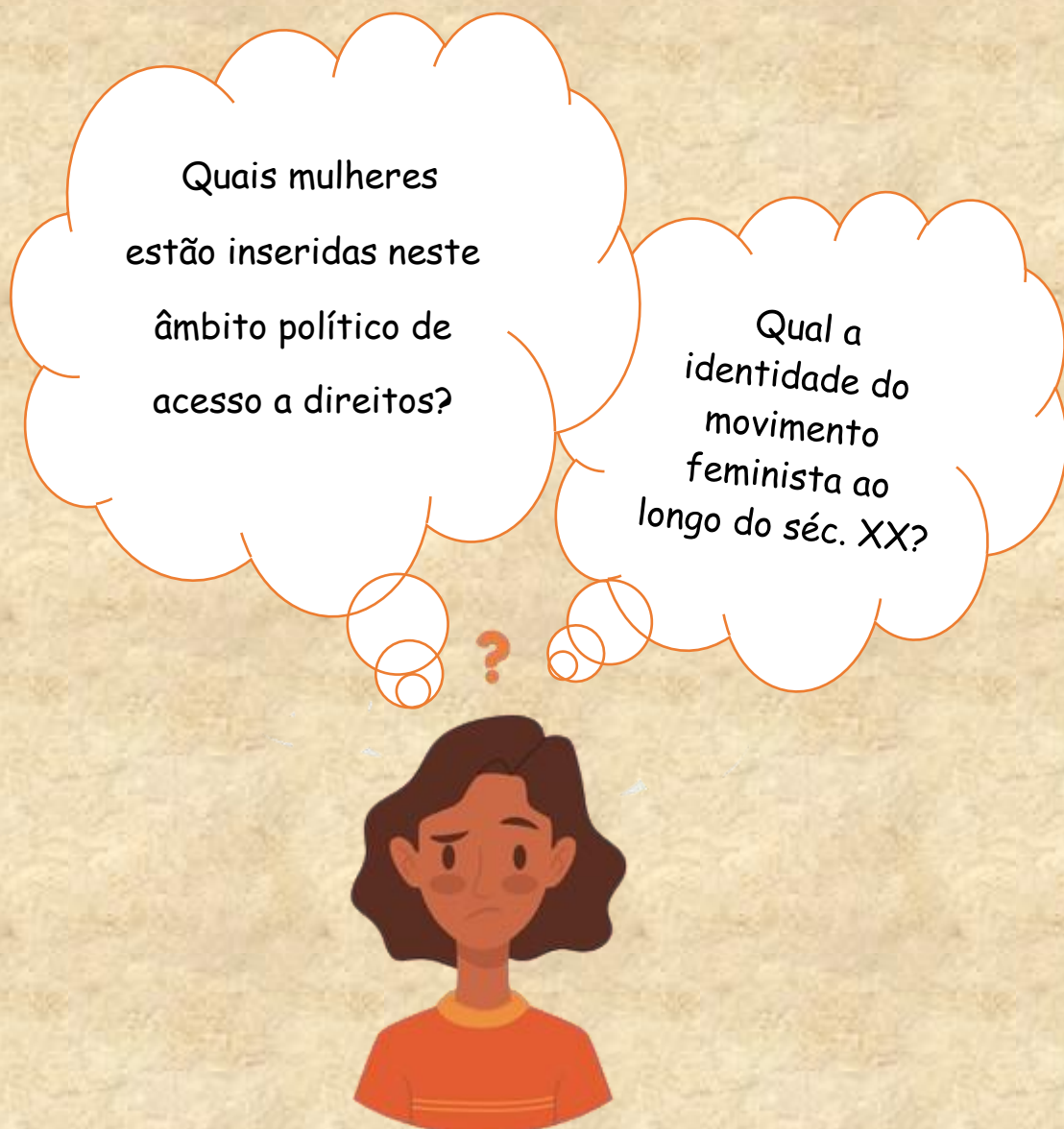
assim nesta dinâmica de idas e vindas têm-se as chamadas ondas feministas, concentrando os momentos de

maiores repercussão histórica do movimento.

Diante da dinâmica global de luta feminina por direitos, as mulheres obtiveram grandes conquistas, principalmente na sua construção como sujeitos políticos, nos movimentos de primeira e segunda onda, do movimento feminista, transitaram suas reivindicações entre os espaços públicos e privados, questionando a naturalização dos papéis de gênero, determinados por uma categoria biologizante.



Assim, na terceira onda feminista, já na década de 90, a relevância da categoria de gênero conduzirá a uma reflexão crítica para dentro do próprio movimento feminista; enquanto na segunda onda explodiu a categoria "Mulher", como sujeitos emancipados, na terceira onda, a pergunta seria sobre quem constitui esta categoria mulher, dentro do movimento feminista.



Nesta conjuntura, o movimento feminista, advindo do norte global, apresenta-se aos países do terceiro mundo, como um movimento hegemônico de mulheres brancas, de classes



abastadas, ficando invisibilizadas do processo de luta pela emancipação, as mulheres negras, indígenas, pobres, camponesas, trabalhadoras, as quais constituem as classes populares.

4 O que é o Feminismo Popular

O feminismo popular faz parte dos considerados feminismos das diferenças; a sua imersão no território da América Latina atua como um posicionamento crítico/reflexivo que problematiza o feminismo hegemônico, gestado no Norte Global.

A Feminista Argentina, Claudia Korol (2016), no livro "Feminismos Populares: Pedagogias e Políticas", aponta que o feminismo popular é tecido nos enfrentamentos diários das mulheres das classes populares, mulheres mestiças, negras, indígenas, aos diferentes tipos de opressões que as atingem, vindo de um sistema capitalista, patriarcal e racista que se fortalece na tentativa de desumanizá-las; São opressões enraizadas desde o processo histórico da colonização do território, dimensionada na exploração e subjugação dos grupos colonizados.



O feminismo popular é proclamado na base das camadas populares, na articulação de mulheres negras, indígenas, camponesas, domésticas, trabalhadoras que não se encaixam nas premissas da luta do feminismo branco, burguês e do primeiro mundo. Metodologicamente utiliza-se do poder da palavra, das vozes das mulheres alocadas em grupos subalternizados, para falarem de suas experiências de lutas e resistências às opressões que atravessam seus corpos.



Fonte: ecoportal.net

Entre as pautas que constituem a agenda dos movimentos das mulheres latinas, estão:



VIOLÊNCIA DE GÊNERO

DESEMPREGO

POBREZA

Segundo Marcela Lagarde y de los Rios (2005), as mulheres são colocadas como corpos e vidas genéricas no seio do sistema patriarcal universal, porém, este atua em níveis e graus diferentes,



quando esses corpos são atravessados pela raça, classe e território. Os níveis de opressões são desiguais.

Neste sentido é preciso ouvir as vozes das mulheres que constituem o território latino, para que digam a sua palavra,

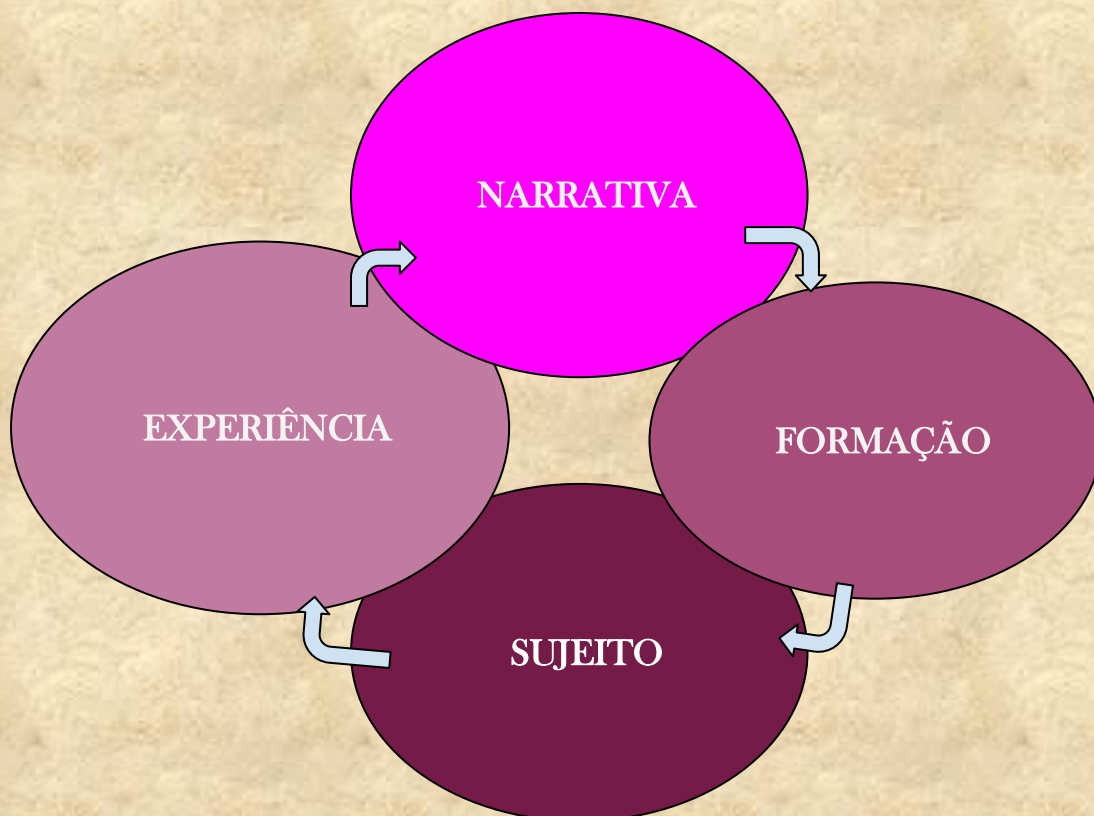


Fonte: sinasefe.org.br

denunciem como as relações desiguais de gênero afetam suas vidas, aprisionam seus corpos em cativeiros que as impedem de se constituírem como cidadãs de direitos. É pela dimensão política da palavra que o movimento ganha ressonância para uma práxis educativa libertadora. Assim, o feminismo popular, latino, incorpora-se no movimento das mulheres na luta pela libertação do grupo no qual estão inseridas, na perspectiva relacional do gênero atravessado por outras categorias que marcam seus corpos, na força e na articulação em abrir caminhos alternativos para reafirmar sua existência. A travessia acontece sob as aprendizagens que carregam de suas experiências e das experiências ancestrais do seu povo. Neste movimento o encontro com a dimensão da Educação Popular, transforma estas partilhas de vivências em mecanismos pedagógicos potentes que gestam uma práxis política e emancipativa, através da dinâmica reflexão/ação, ao historicizar seus corpos/físicos e seus corpos/territórios, situando-os no tempo e no espaço.



As experiências individuais e coletivas dos sujeitos podem ser mecanismos potentes de formação e transformação. Para a compreensão, sobre o conceito de experiência, como mecanismo formativo, apontamos o pensamento do filósofo, Jorge Larrosa Bondía (2002), o qual defende a relevância de se pensar a educação a partir do par experiência/sentido. Para ele, "a experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca" (p.20), e nesta perspectiva situações de aprendizagens podem ser construídas e tomadas de sentidos.



O que vive a experiência é chamado de sujeito da experiência, o qual se entende "como um território de passagem, algo como uma superfície sensível, que aquilo que acontece afeta de algum modo, produz afetos, inscreve algumas marcas, deixa vestígios e feitos" (BONDIA, 2022, p.24). Neste contexto, o que sela a relação do corpo/território com a experiência, é a palavra. É por meio da palavra que a experiência é compartilhada, provocando o saber da experiência, o qual origina-se da conformidade entre o conhecimento e a vida humana.



Fonte: palavrasesentidos.blogs.sapo.pt

Partindo desta explanação, o poder da palavra é usado para dar sentido às experiências vividas, este sentido precisa advir de uma configuração hermenêutica reflexiva, contextualizada com o

tempo/espço da experiência.

Assim, ao refletir sobre as experiências, a partir das suas palavras, os sujeitos tornam-se capazes de produzir conhecimentos sobre si e sobre o outro, este conhecimento contextualizado constrói a consciência histórica.





“Com a palavra, o homem se faz homem. Ao dizer a sua palavra, pois, o homem assume conscientemente sua essencial condição humana”

(FREIRE, 1987, p.09)

Os sujeitos precisam encontrar-se nesta construção da consciência histórica, para dar sentido às suas vidas materializadas, atravessadas por questões culturais, políticas e sociais.

Para este movimento de contar-se, evocando o saber da experiência para a ressignificação do vivido e a articulação da consciência histórica, nos reportamos a análise da professora e pesquisadora, Maria da Conceição Passeggi (2011), sobre os grupos reflexivos, como mecanismo para o processo da experiência partilhada por meio da mediação biográfica. “No grupo reflexivo, os participantes dividem um contexto social, narram suas experiências vividas e criam situações de aprendizagens através do saber da experiência. Na partilha das experiências vividas, compreendem a si mesmo e ao outro como sujeitos históricos” (PASSEGGI, 2011, p. 150).



A aventura de contar-se, configura-se em um viés formativo, pois provoca nos sujeitos um retorno sobre si mesmo,



Fonte: townsendartclass.weebly.com

esse retorno é relacional, pois as experiências vividas não acontecem isoladamente, são integradas em contextos atravessados por questões sociais, culturais, históricas e políticas; esse retorno sobre si é marcado por esses atravessamentos, e, ao serem compartilhados e posicionados em

situações reflexivas, evocam suas potencialidades formativas. Entre estas potencialidades, está a construção da consciência histórica, a qual posiciona os sujeitos à centralidade de suas vidas, ao compreenderem a dimensão histórica e política da sua existência.

6 O QUE SÃO OS CÍRCULOS REFLEXIVOS BIOGRÁFICOS

Aqui, trataremos dos Círculos Reflexivos Biográficos, ferramenta teórico-metodológica que inspirou a construção desta cartilha.

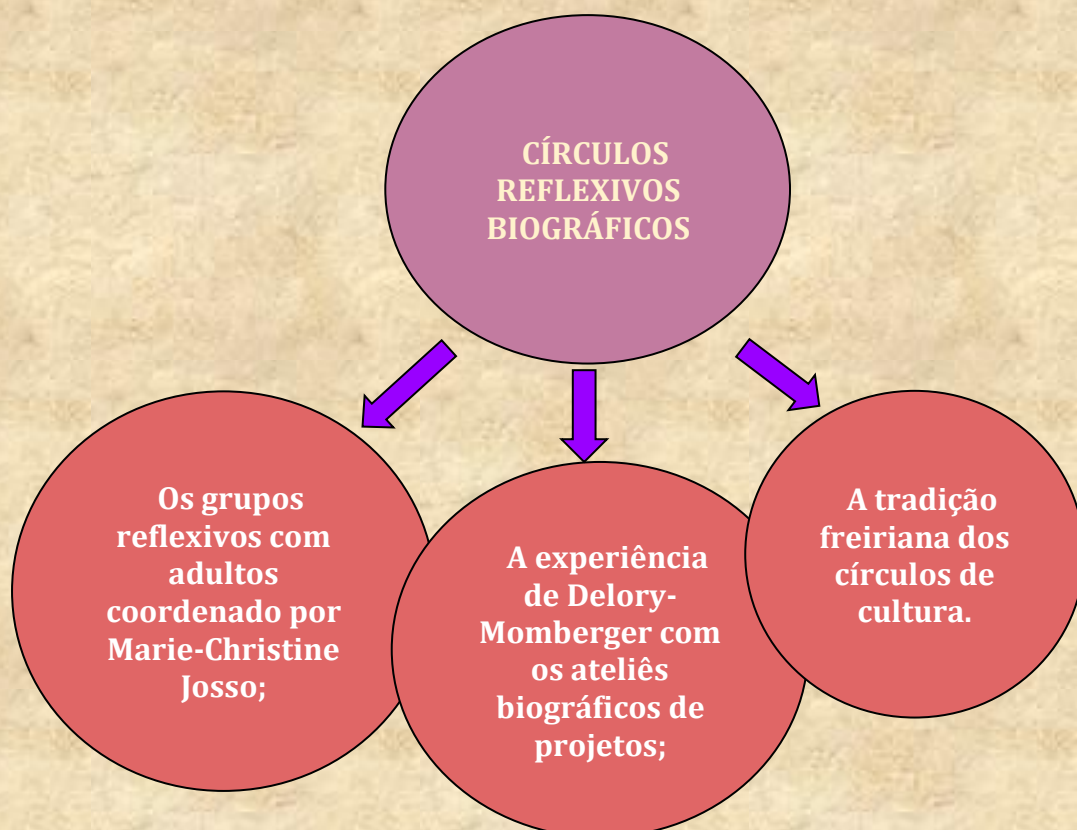
O CRB foi criado pela professora e pesquisadora, Ercília Maria Braga de Olinda, em 2008, constituindo-se em um



dispositivo ancorado na abordagem teórica-metodológica da pesquisa (auto)biográfica em educação.

Os Círculos Reflexivos Biográficos são espaços articulados para que grupos de indivíduos sejam provocados a caminharem para si, por meio da mediação biográfica, contar suas histórias de vida, compartilhar suas experiências, no intuito de constituírem-se sujeitos narrativos em formação e transformação da experiência narrada.

Olinda (2019) apresenta o CRB como um dispositivo de pesquisa e de formação, articulando os princípios e fundamentos da pesquisa autobiográfica em educação e a práxis emancipatória da educação popular. Destaca três fontes teóricas/metodológicas as quais dão consistência para a concepção deste dispositivo que são:



Para a autora os Círculos Reflexivos Biográficos visam garantir o processo de biografização em três modalidades:

- Narrativas de vida, exaltando todos os aspectos gerais da vida do narrador;
- Narrativas de formação, buscando as particularidades dos processos formativos formal ou informal, ligados à dimensão profissional;
- Narrativas da experiência religiosa, volta-se para um tipo específico de experiência humana, a religiosa.



Na dinâmica do CRB, "a dialogicidade afirma-se como fundamento de todo o processo de investigação, permitindo a participação ativa e autêntica daqueles que aceitaram o convite para fazer uma figura pública de si, seja revendo suas vidas em sua globalidade, seja problematizando um tema específico" (OLINDA,2020, p.17).

Para o contexto desta cartilha, a produção dos Círculos Reflexivos Biográficos, estrutura-se como uma proposta formativa para mulheres das camadas populares, através do recurso da biografização, com o objetivo de alcançar suas experiências individuais e coletivas, na perspectiva de performatarem seu gênero nos contextos as quais estão inseridas, evocando a partir da sua palavra, os signos e significados em constituírem-se nas mulheres que são.



Os Círculos são mediados por meio de princípios éticos descritos na Carta da ASIHVIF - RBE. Esta é uma associação que apresenta princípios éticos para o trabalho com narrativas de vida, colocando o sujeito narrador no centro da pesquisa/formação.



Para saber mais:
[Vista do Carta da ASIHVIF](#)

Segundo Passeggi (2011), os princípios éticos para os grupos reflexivos, articulam-se em:



- 1 LIBERDADE
- 2 CONVIVIABILIDADE
- 3 CONFIDENCIALIDADE
- 4 CONTRATUALIZAÇÃO

Esses princípios podem ser acrescentados de acordo com o interesse do grupo envolvido.

Assim o primeiro encontro do grupo deverá versar pelo chamado "acordo biográfico," momento que esses princípios podem ser pontuados e firmados por todos os participantes.

As dinâmicas contidas nesta cartilha são produzidas a partir desses embasamentos teóricos/metodológicos, porém, são atividades de cunho educativo, com pretensões de estimular a



produção de espaços formativos entre mulheres situadas nas camadas populares, para que possam juntas narrar sobre suas vidas e entenderem-se como sujeitas históricas, capazes de promover a mudança, ressaltando a práxis emancipativa do saber popular, através do processo de biografização e heterobiografização, as histórias de vida dos participantes vão se entrelaçando e gerando situações de aprendizagens coletivas.



Profa. Dra. Ercília Maria
Braga de Olinda

A dinâmica do CRB permite uma tessitura em que coletivamente vivenciamos o poder configurador da narrativa, ou seja, o de dar forma e articular sentidos, ligando os acontecimentos da nossa existência. É um espaço/ tempo para um trabalho “sobre si mesmo”, à medida que inscrevemos nossa história em esquemas temporais. Trata-se, pois, de uma prática consciente e integral de educação de si.

(OLINDA,2020, p;32)

Os Círculos Reflexivos Biográficos, podem ser formados por até 12 participantes, organizados em um total de cinco encontros. Cada encontro é constituído por dinâmicas formativas que induzem os participantes a contarem suas histórias e refletirem juntos sobre a experiência vivida. O orientador das



atividades precisa preparar um ambiente aconchegante, passar tranquilidade e não assumir uma técnica professoral, apenas colocar-se como mediador do processo. É interessante que o orientador já tenha vivenciado a prática de um CRB, assim fica mais tranquilo em ficar à frente de uma nova experiência.

Cada encontro é marcado por quatro momentos:

1º
ACOLHIDA

2º
PRESENTIFICAÇÃO

3º
BIOGRAFIZAÇÃO

4º
INTEGRAÇÃO
EXPERIENCIAL

Segundo Olinda (2019, p.273), estes momentos estão imbricados, e consistem em:



ACOLHIDA: Momento oportuno para evocar a afetividade e a confiança dos participantes.





PRESENTIFICAÇÃO: Consistiria em uma atividade introdutória para contar a sua história, por meio de atividades diversas, como produções artísticas, desenhos, pinturas, oralidade. Seria uma maneira de firmar a sua presença, física e subjetiva, no ambiente.



BIOGRAFIZAÇÃO: Seria a atividade biográfica na sua materialidade, as participantes são estimuladas evocar suas experiências por meio de dinâmicas reflexivas, utilizando a oralidade ou expressões artísticas; neste momento todos assumem papéis de narradores e ouvintes. Evocam suas subjetividades através de suas experiências vividas, provocando o caminhar para si e para o outro, numa dinâmica de escuta atenta e fala precisa; articulando suas histórias no tempo e no espaço.



INTEGRAÇÃO EXPERIENCIAL: Os encontros são finalizados com dinâmicas de grupo, para a elaboração de uma síntese das experiências narradas, assim como fazer uma avaliação das atividades realizadas. Ressaltaríamos esse momento como um fechamento de um portal que foi aberto no início do encontro.

Ao final do último encontro é feito a dinâmica da "Metáfora da Árvore", uma síntese integradora final, que se apresenta como um momento simbólico de decodificação das experiências, das



aprendizagens adquiridas e das possibilidades para um “que fazer” na busca pela ressignificação de suas experiências e mudanças nos cursos de suas vidas.

7 UMA PROPOSTA PARA REALIZAÇÃO DOS CÍRCULOS REFLEXIVOS BIOGRÁFICOS



1º ENCONTRO: A TEIA DO ENVOLVIMENTO

- **ACOLHIDA:**

Preparar um ambiente acolhedor com música, pode ser usado uma técnica de relaxamento, onde as participantes posicionadas em um círculo, sentadas de maneira confortável, podem fechar os olhos por alguns instantes e se desligarem um pouco da agitação do cotidiano.

Tempo estimado: 5 min.

- **PRESENTIFICAÇÃO:**

Dinâmica “A Teia do Envolvimento”

Organizadas em círculo e utilizando um rolo de barbante, as participantes vão amarrar a ponta do barbante no dedo, faz uma breve apresentação e joga o barbante para outra



participante, ao passo que vão sendo realizadas as apresentações tecem uma teia, que simboliza o entrelaçar das narrativas e a construção da autoconfiança dentro do grupo.

Tempo estimado: 15 minutos.

Material necessário: Rolo de barbante

- **INTRODUÇÃO A BIOGRAFIZAÇÃO:**

Elaboração do "Acordo Biográfico".

Apresentação da proposta do Círculo Reflexivo Biográfico, combinar sobre os dias e horários dos encontros, reiterar sobre a importância do sigilo entre as participantes do grupo, apresentar o roteiro prévio que norteará os próximos encontros, e orientar a construção das narrativas biográficas.

Obs.: Neste momento as participantes devem receber as questões norteadoras que vão ajudá-las a construir suas narrativas, as quais devem ser apresentadas no penúltimo encontro, as questões serão construídas de acordo com o objetivo geral do CRB.

Tempo estimado: 20 min.

- **INTEGRAÇÃO EXPERIENCIAL:**



para encerrar o primeiro encontro, a proposta é, realizar a dinâmica de construção de uma corrente do afeto. cada participante receberá uma folha de papel e a dobrará no meio, no formato vertical, em seguida escrevem o sentimento que foi despertado no primeiro encontro e qual sentimento espera ser despertado no próximo encontro; feito isso, todos vão colando as pontas das folhas, entrecruzando a sua folha na folha da companheira, formando assim uma corrente de afetos.

Tempo estimado: 25

Obs.: Para o próximo encontro orientar as participantes a trazerem um objeto que tenham um sentido afetivo na vida delas, que ajude a contar uma experiência significativa.



2º ENCONTRO: O DESPERTAR DAS MEMÓRIAS AFETIVAS

- **ACOLHIDA:**

Reviver as memórias do último encontro, resgatando a corrente do afeto; sempre recebendo as participantes com músicas relaxantes.

Tempo estimado: 10 min.



- **PRESENTIFICAÇÃO:**

Leitura explicativa do "Acordo Biográfico", construído no encontro anterior, e assinatura deste documento por todas as participantes.

Tempo estimado: 10 min.

- **BIOGRAFIZAÇÃO:**

Dinâmica "O Despertar das Memórias Afetivas"

Nesta dinâmica, as participantes farão uma apresentação dos objetos, os quais foram convidadas a trazer, no último encontro. Através desses objetos pessoais e de valor simbólico, elas vão iniciar suas narrativas, despindo-se da representação exterior e adentrando em seu universo íntimo que dá sentido à sua identidade.

Tempo estimado: 30 min.

- **INTEGRAÇÃO EXPERIENCIAL:**

Após as narrativas sobre os objetos, ao som de uma música relaxante, e organizadas em círculo, cada participante fará uma avaliação do encontro e como está se sentido naquele momento.

Tempo estimado: 10 min.





3º ENCONTRO: OLHANDO PARA SI

- **ACOLHIDA:**

Recebidas ao som da música "Canto da Mulher Latina" de autoria do Padre Zezinho; formam-se um círculo e as participantes são convidadas a evocar as memórias do encontro anterior.

Obs. Também pode ser apresentado vídeo com a música citada, no link abaixo:

<https://www.youtube.com/watch?v=tTCSYtLafek>

Tempo estimado: 10 min.

- **PRESENTIFICAÇÃO:**

Dinâmica do Espelho

Organizadas em um círculo, as participantes receberão uma caixa e serão orientadas a olhar dentro da caixa e ver algo de valioso. Na caixa haverá um espelho em que elas observarão a sua própria imagem, após todas olharem dentro da caixa, serão convidadas a desenhar o que elas viram.



Neste momento será entregue uma diversidade de materiais para que cada uma produza o seu autorretrato.

Tempo estimado: 20 min.

Sugestão de material: Caixa decorada com um espelho dentro;

Folhas A4, lápis de cor, lápis de cera, cola, papel sulfite, lã de cores variadas.

- **BIOGRAFIZAÇÃO:**

Utilizando-se do autorretrato, cada participante poderá fazer sua narrativa de vida a partir da seguinte questão: O que é ser uma mulher nordestina?

Tempo estimado: 20 min.

Obs.: Esta é apenas uma sugestão, a pergunta pode variar de acordo com as especificidades do grupo.

- **INTEGRAÇÃO EXPERIENCIAL:**

Neste momento faremos uma técnica de relaxamento, com música e exercício de respiração. Após o exercício, cada participante fala o que sentiu ao narrar sua vida e ouvir as narrativas das companheiras.

Obs. Neste momento ressaltar que as participantes devem trazer a primeira versão da sua escrita narrativa, para o próximo encontro.



Tempo estimado: 10 min.



4º ENCONTRO: A VIDA EM RETALHOS

- **ACOLHIDA:**

Leitura e reflexão coletiva do poema "Sou Feita de Retalhos" da autora Cris Pizziment.

Acesse o poema aqui:

<https://revistaconsciencia.com/sou-feita-de-retalhos/>



Tempo estimado: 10 min.

- **PRESENTIFICAÇÃO:**

As participantes serão convidadas a rememorar os encontros anteriores, em seguida serão convidadas a confeccionarem uma mandala, nesta mandala elas irão representar suas vidas. Colocando-se como sujeitas no centro das experiências e apresentando como este corpo centralizado se encontra com as dimensões do campo social, como a família, a educação, o trabalho, a saúde; outras questões podem ser acrescentadas de acordo com o perfil do grupo.

Tempo estimado: 20 min.

Material necessário: Folhas A4, canetas coloridas e lápis de cor.



- **BIOGRAFIZAÇÃO:**

Colaboração Narrativa.

As participantes serão divididas em duplas, vão ler as suas narrativas uma para a outra, em seguida farão uma revisão dos textos, avaliando a coerência, uma ajuda a outra a organizar o seu texto para que fique claro e com informações completas, tirando dúvidas ou refletindo sobre a história narrada.

Tempo estimado: 30 min.

- **INTEGRAÇÃO EXPERIENCIAL:**

A reflexão deste momento será em torno desta produção de narrativas compartilhadas, as participantes farão um breve relato como se sentiram ajudando a construir a narrativa da companheira.

Tempo estimado: 10 min.



5º ENCONTRO: A METÁFORA DA ÁRVORE

- **ACOLHIDA:**



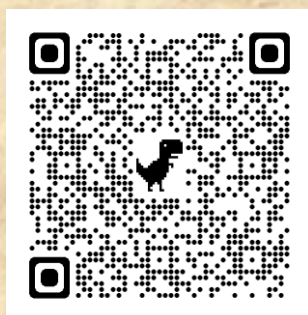
Sugestão de música, "Tente Outra Vez" de Raul Seixas. Neste momento, as participantes podem falar sobre os momentos marcantes dos encontros e sobre a experiência de participar do CRB.

Tempo estimado: 10 min.

- **PRESENTIFICAÇÃO:**

Leitura e reflexão coletiva do texto "Não Esqueça o Principal", um conto popular sobre prioridades.

Acesse o texto aqui:



Tempo estimado: 10 min.

- **BIOGRAFIZAÇÃO:**

Metáfora da Árvore

Neste momento, o desenho de uma grande árvore com raízes, caule, copa e abóbada celeste, será apresentado para as participantes, em seguida, elas receberão desenhos de flores, frutos, folhas, previamente recortadas e prontas



para serem coladas na árvore. A partir da escrita final das suas narrativas, as participantes irão fazer uma síntese da sua história de vida, retirando palavras que dão sentido a cada experiência vivida. Estas palavras, as quais representam suas experiências, vão sendo escritas nos desenhos que receberam e sendo coladas na árvore. Na raiz, ficam as experiências fundamentais, aquelas basilares na composição de quem são; no tronco as experiências significativas para o seu processo formativo, na copa colam-se os aprendizados e conquistas e na abóbada colam-se os sonhos e projetos.

Tempo estimado: 30 min.

Material necessário: A confecção da árvore pode ser feita a partir da impressão de painel no programa posterize. As folhas, flores e frutos podem ser impressos e recortados, para ganhar tempo; as quantidades vão depender do número de participantes, uma sugestão é que cada participante receba ao menos 5 de cada elemento.

- **INTEGRAÇÃO EXPERIENCIAL:**

Compartilhar a experiência da confecção da árvore e leitura final das narrativas. Para encerrar faz-se uma atividade reflexiva, a partir das perguntas geradoras: Como cheguei ao encontro de hoje? Como me despeço do encontro de hoje?

Tempo estimado: 20 min.



8 REFERÊNCIAS

CEPAL. A pandemia da COVID-19 gerou um retrocesso de mais de uma década nos níveis de participação no mercado de trabalho das mulheres na região. 2021. Disponível em <https://www.cepal.org/pt-br/comunicados/pandemia-covid-19-gerou-retrocesso-mais-decada-niveis-participacao-mercado-trabalho> acesso em:19 de novembro de 2022.

BIROLI, Flavia. **Gênero e desigualdades: limites da democracia no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

BONDIA, Jorge Larrosa. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, ANPEd, n. 19, p. 20-28, abr. 2002.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GARCIA, Carla Cristina. **Breve história do feminismo** - São Paulo: Claridade, 2015.

KOROL, Claudia. **Feminismos populares: Pedagogías y políticas**. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: El Colectivo; Editorial Chirimbote; América Libre, 2016

LAGARDE, Marcela. **Los cautiverios de las mujeres: Madresposas, monjas, putas, presas y locas**. Coyoacán: Universidad Nacional Autónoma de México, 2005.

OLINDA, Ercília Maria Braga. **Círculos Reflexivos Biográficos: Reflexões epistemo-metodológicas sobre tessituras coletivas das narrativas de si**. In: OLINDA, Ercília Maria Braga; PAZ, Renata Marinho (Orgs.). **Narrativas Autobiográficas e Religiosidade**. Fortaleza: EdUECE, 2020.

OLINDA, Ercília Maria Braga; PINTO, Elismária Catariana Barros. **O círculo reflexivo biográfico na pesquisa com jovens da periferia de Maracanaú-CE**. Revista @mbienteeducação. São Paulo: Universidade Cidade de São Paulo, v. 12, n. 2, p. 263-286 mai./ago. 2019.



OLIVEIRA, Julia Glaciela da Silva; PITA, Valéria Silvina. **História e Gênero na América Latina: Problemas e Possibilidades e desafios interpretativos (séc. XIX e XX).** Revista Eletrônica da ANPHLAC, ISSN 1679 - 1061, nº 31, p. 1-13; ago./dez.; 2021.

PASSEGGI, Maria da Conceição. **A experiência em formação.** Educação. Porto Alegre, v.34, n. 2, p.147- 156, maio/ago. 2011

SCOTT, Joan Wallach. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica.** Educação e Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.



SOBRE AS AUTORAS



Maria Liliane Rosado Rodrigues é especialista em Metodologias no Ensino de História e Geografia pela Faculdade de Juazeiro do Norte (FJN); Especialista em Gestão Escolar pela Faculdade Venda Nova do Imigrante (FAVENI); Mestranda em Educação pela Universidade Regional do Cariri; Atualmente é Coordenadora do coletivo Interfaces Femininas, Membro do grupo de pesquisa LEGRAR, Laboratório de Estudos de Gênero e Diversidade, vinculado a Universidade Regional do Cariri, professora da rede pública de ensino no município de Assaré CE.



Iara Maria de Araújo é Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará, professora da Universidade Regional do Cariri e do Mestrado profissional em Educação/URCA. É coordenadora do Laboratório de estudos e pesquisas em gênero, educação, sexualidade e diferenças. Atua principalmente nos seguintes temas: violência de gênero, cultura do trabalho e mobilidades, políticas sociais, gênero e sexualidade, diferenças e educação.



Antônia Eudivânia de Oliveira Silva é Doutora em Ciências sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestra em Sociologia pela Universidade Federal da Paraíba e Graduada em Ciências sociais (Bacharelado/Licenciatura) pela Universidade Regional do Cariri - URCA. Atualmente é vice coordenadora do Laboratório de estudos e pesquisas sobre gênero, educação, sexualidades e diferenças (LEGRAR - URCA) e realiza estágio pós-doutoral no Programa de Mestrado Profissional em Educação MPEDU-URCA.

